

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Chris Marker – A Memória Das Imagens

8 e 19 de Novembro de 2024

...À VALPARAÍSO / 1963

um filme de JORIS IVENS

Realização: Joris Ivens / **Assistentes de Realização:** Sergio Bravo, A. Altez, Rebecca Yanez, Joaquim Olalla e Carlos Böker / **Câmara:** Georges Strouvé / **Assistentes Operadores:** Patricio Guzman e Leonarde Martinez / **Montagem:** Jean Ravel / **Música:** Gustava Becerra / **Canção interpretada por:** Germaine Montero “Nous Irons à Valparaiso” / **Comentário:** Chris Marker dito por Roger Pigaut.

Produção: Argos Films (Paris) e Cinema Experimental da Universidade do Chile (Santiago do Chile) / **Assistente de Produção:** Luis Carnegio / **Cópia:** em DCP, preto e branco e cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 27 minutos / **Estreia:** Paris, Junho de 1963.

...À VALPARAÍSO é mostrado com DESCRIPTION D'UN COMBAT, sobre o qual é distribuída uma “folha” em separado.

...À VALPARAÍSO, documentário que Joris Ivens realizou na cidade portuária chilena, em que a vida é uma luta constante contra a geografia, contou com a colaboração de Chris Marker, que escreveu o seu texto dito em voz *off*. Comentário poético extremamente revelador da importância desta vertente da obra de Chris Marker, cujo talento literário marcou definitivamente as muitas obras em que participou.

"Pendant trois semaines je me suis
baladé à travers la ville et j'ai
flané comme un jeune homme."
Joris Ivens
(*La Mémoire d'un Regard*)

À Valparaíso, é um dos mais belos filmes – porventura o mais belo – de um período "intermédio" da carreira de Joris Ivens, entre as décadas iniciais, em que ajudou a definir o próprio conceito de Documentário, e a fase das co-realizações com Marceline Loridan. Tão longa foi a carreira e tão fisicamente movimentado foi este período que tendemos a esquecer que, em 1963, o cineasta contava 65 anos e fazia filmes havia 35. Este é um período de maturidade. Mas este é também, de algum modo, um filme "de juventude".

No final dos anos 50 e inícios de 60, em parte como reacção ao "exílio" forçadamente prolongado no Leste europeu no pós-guerra, Ivens correu, em poucos anos, todos os continentes. A ideia de filmar no Chile nasceu em Cuba, a convite de Allende (na altura ainda mero líder oposicionista). Não era só o desafio para um filme mas sim, antes de mais, uma proposta de organização de um curso na Universidade de Santiago – a qual

Joris Ivens transformou em filme. À sua maneira, trata-se, portanto, de um exercício colectivo, ou de uma "passagem de testemunho". Como escreveu o autor, percurso dos estudantes era o de compreender e aprender um método de aproximação, de ver como é que um homem como eu "planificava" em imagens esta realidade, (...) um jogo constante de perguntas e respostas, de interrogações e de incertezas à volta de um tema".

“O tema era a cidade de Valparaíso – uma cidade, como antes fora Paris, (**La Seine a Rencontré Paris**), e uma cidade-porto, como viriam a ser Roterdão ou Xangai (**Rotterdam-Europoort** ou **Yukong**). Nelas, Joris Ivens encontrou sempre todos os “leit-motivs” da sua obra – os gestos intemporais confrontados com a História, o homem no grupo, a estratificação social, o movimento, o mar, o vento... – e através delas se revelou sempre, com particular clareza, o método Ivens e o método documentário. Porque, aqui, não acontece “mais nada” do que o quotidiano, o intemporal, porventura o “anódino”. A História tem de ser “arrancada” a esse quotidiano, “revelada” nele, “descoberta” nele. O filme exhibe mais facilmente o seu “processo” ou seja, o trabalho que o antecede.

Em **À Valparaíso**, de uma forma ilusoriamente fácil, esse trabalho parece repetido na própria deambulação da câmara por estas ruas e escadas, pelos cais e pelas casas (“casas-barco”), procurando relações e tentando descobrir uma “chave” para esta cidade-mundo. É uma repetição ilusória porque a deambulação em si, o percurso, a oscilação entre os vários mundos dentro deste mundo são já o resultado desse trabalho imenso e sustentam-se na chave já encontrada. **À Valparaíso** é o filme sobre um movimento que, no seu decurso, revela a cidade: o movimento dos funiculares entre o “alto” e o “baixo” da cidade, o movimento das pessoas entre esses dois níveis – um movimento que, por si mesmo, mostra a cidade como um corpo vivo, mostra quais os seus órgãos e qual o seu ritmo.”

Não se pode ser mais claro: sem que seja necessário falar aqui doutros movimentos (ainda e sempre o yento), este movimento oscilante de máquinas e pessoas é o elo unificador que, afinal, coloca o cinema na origem de tudo. **À Valparaíso**, filme de 1963, ajuda-nos como poucos a "unir" a obra de Joris Ivens desde 1928, a encontrar o seu fio condutor. Esse fio é o do documentário-herdeiro-da-"avant-garde" dos anos 20 quando aplicado à História convulsa da década de 30. Na sua génese, (título de uma das suas primeiras experiências), o “estudo dos movimentos”.

Se, como o autor gostava de insistir, estamos perante um filme-experiência, feito como exercício e cujo resultado é desigual (mas será que é de facto "desigual"?) tanto mais, creio, esse filme estará próximo daquela ideia. **À Valparaíso** é, como foram quase sempre as melhores obras de Joris Ivens, o retorno à "experiência cinematográfica" e ao prazer dessa experiência. Neste filme, esse prazer nota-se.

Joseé Manuel Costa